

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospicio 85	Preço da assignatura por mez	Para a Corte..... 1\$500 Para as Províncias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	--	--

A BASTARDA

PRIMEIRA PARTE

A AMANTE DO AMO

XIX

UMA TUMBA VERDE

(Continuação.)

Um pensamento, uma lembrança, salvaguardavam a vida da pobre mulher.

— Ella resistia... dizia Caillouet; cedeu unicamente à violência.

Mas quasi logo acrescentava :

— Talvez lhe perdoasse... mas ter-me trazido em dote a sua deshonra... é uma infamia!...

E Caillouet formava a intenção de abandonar Suzana e de ir viver longe daquelle logar maldito, depois de ter exercido a sua vingança sobre o Sr. de Vezay.

Machinalmente, e sem consciência do que fazia, o couteiro, — depois de ter estado durante alguns momentos sentado em um monticulo que dominava o rio de areias douradas, cujas ondas o reflexo do céo sombrio tornava escuras e lividas, — o couteiro, dizemos nós, tomou de novo o caminho que seguia em direcção a Vezay.

O seu andar, porém, já não tinha, — como momentos antes, — a selvagem energia da fera que foge com uma bala no flanco.

Caminhava a passo lento, e para bem dizer exausto.

A cabeça inclinava-se-lhe sobre o peito.

Fluctuavam-lhe os braços ao longo do corpo.

Muito tempo consumiu elle em transpôr as quatro leguas que o separavam das bellas florestas de que era o guarda.

Duas horas da manhã batiam no relogio do castello, no momento em que Caillouet alcançava a

extremidade do extenso muro que cingia o parque em seu cordão de pedra.

A noite era sem luar, mas myriades de estrelas rutilavam no puro céo, e permittiam distinguir os objectos á grande distancia.

De repente pareceu a Caillouet ver um movimento estranho, á distancia de uns quinhentos ou seiscentos passos, junto á portinha da parque proxima de uma construcção do estylo de Luiz XIII, a que chamavam o *Pavilhão de caça*.

Por maior que seja a preocupação de espirito de um homem cuja profissão é vigiar, elle ha de vigiar sempre, não grado seu e inconscientemente.

Caillouet, avançando, viu melhor.

Não tardou a convencer-se de que o movimento que o havia impressionado era produzido por dous cavallos, um montado e outro seguro pela arreia.

Aquillo pareceu-lhe estranho.

Antes, porém, que elle tivesse tempo de fazer longas conjecturas, a portinha do parque abriu-se.

Um homem saiu dali, montou a cavallo, e os dous animaes partiram a galope na direcção do solar de Villedieu.

— Quem será este visitante nocturno? perguntou Caillouet a si proprio.

« Se é um hospede, por que motivo não se abriu o portão para elle?

« Por que motivo os seus cavallos, em vez de esperarem no pateo de honra, pareciam esconder-se por traz do muro e junto desta portinha?

« Será um ladrão?

« Mas os ladrões não andam roubando a cavallo... »

E Caillouet se interrompeu durante alguns momentos.

Seu pensamento hesitava.

De subito, porém, uma idéa limpida e flammejante atravessou-lhe o espirito, espandindo as trevas que nello se amontoavam.

— Não é nem um hospede, nem um ladrão!... murmurou elle: — é um amante!...

« Ah! Sr. conde!... Sr. conde!... de nada lhe serve ser rico e fidalgo!... é enganado como o couteiro!... e mais enganado ainda, pois o amante de sua mulher não a violenta!...

« Eis a vingança, que vem ao meu encontro!... tão bella como jamais eu me atreveria a esperal-o!...

« Deshonrou-me, Sr. conde!... Mas eu tambem terei a prova da sua deshonra!... E arremegarei ao

seu rosto essa prova!... Ateiarei no seu coração os incendios que estão consumindo o meu!...

« E depois que o senhor houver padecido bastante, Sr. conde, matal-o-hei!... »

Talvez Caillouet não se exprimisse inteiramente assim. Com certeza, porém, elle pensou quanto acabamos de escrever.

E foi,— afirmamo-l'o,— um allivio inaudito para aquelle homem a certeza do infortunio do outro a quem elle devia o seu.

A ferida do amo ia ser sangrenta e dolorosa; — o famulo achou que a sua era menos cruel.

Desde então, a pujante energia daquella natureza resurgiu em todo o seu vigor!

Jurou elle afivelar ao semblante uma mascara cujos cordões ninguem pudesse desatar.

Jurou recalcar no fundo do coração os seus zelos, os seus ressentimentos, os seus odios, até o dia em que pudesse deixal-os irromper tanto mais terríveis quanto por mais tempo tivessem sido refreiaos.

Jurou, finalmente, ficar mudo e impenetravel como aquella tumba de verdura, á qual, algumas horas antes, confiara um segredo e um cadaver.

Caillouet estava nestas idéas, quando recolheu-se á sua cabana.

Suzana,— habituada ás longas ausencias do marido, e a vê-lo recolher-se a todos as horas da noite,— estava dormindo e não despertou.

Quando o couteiro,— depois de ter tomado algum repouso que o excesso da fadiga exigia imperiosamente,— levantou-se para sahir, Suzana estava cuidando dos arranjos da casa.

Caillouet trocou com ella apenas algumas palavras.

— Não almoça aqui? perguntou ella, vendo-o afivelar as polainas e pegar na carabina.

— Não, respondeu elle simplesmente e no tom costumeiro.

— Volta para jantar?

— Não sei.

— Então aonde vai?

— Ao castello, onde me esperam.

E nada mais.

Suzana, nessas poucas palavras, não notou intonacão estranha, nem frieza desacostumada.

Aproximou-se do marido e apresentou-lhe a fronte.

Caillouet quiz voltar o rosto.

Recordou-se, porém, do que a si proprio havia jurado e conteve-se.

Seus labios depuzeram um osculo na fronte de Suzana...

Em seguida, sahiu de casa, e, conforme acabava de dizer-o, dirigiu-se para os lados do castello.

XX

A QUINTA NOITE

Caillouet encontrou toda a criadagem em rebolço por causa do desapparecimento incomprehensivel de la Ramée.

Tendo sahido na vespera, pela manhã, o picador não tornára a apparecer.

Excellentes razões teria o pobre diabo para explicar a sua ausencia.

— Viu la Ramée?... encontrou-o?... perguntaram dez vozes a Caillouet.

— Vi, respondeu o couteiro.

— Quando?

— Hontem.

— Onde?

— Onde elle estava.

— Mas onde estava elle?... onde está presentemente?...

Caillouet encolheu os hombros.

E, sem mais responder ás perguntas que lhe faziam, dirigiu-se ao criado particular do conde e encarregou-o de avisal-o de que elle estava alli e desejava fallar-lhe a respeito do picador la Ramée.

O conde recebeu immediatamente o couteiro.

Caillouet, antes de apresentar-se ao amo, cobriu o coração com um *triplice bronze*, como diz Horacio, e atou ao rosto uma mascara impenetravel e sem expressão.

— Então, Caillouet, perguntou o Sr. de Vezay, — que novidade ha?

— Uma novidade muito grande, Sr. conde.

— Devéras?...

— E essa novidade vai causar-lhe grande admiraçao.

— Descobris-te os nossos ladrões da caça?

— Descobri.

— Quantos são elles?

— Um só.

— Oh!

— E' como estou dizendo.

— Tens certeza?

— Inteira certeza, Sr. conde.

— E quem é esse atrevido? esse tratante?

— La Ramée.

O conde, ouvindo aquelle nome, fez um movimento brusco,— symptomá de espanto já esperado pelo couteiro.

As palavras de Caillouet encontraram a principio o Sr. de Vezay incredulo, como acontecera ao proprio Caillouet ao ouvir as palavras de Nicacio.

— Qual!... disse o conde; um picador ladrão de caça!... estás sonhando!... é impossivel!...

O couteiro não respondeu.

— Estás gracejando, não é verdade, Caillouet? tornou o Sr. de Vezay.

— Eu não me atreveria a gracejar com o Sr. conde.

— Então, é serio?...

— Infelizmente.

— La Ramée ladrão de caça?

— Sim, Sr. conde.

— Mas com que fim?

— Com o fim de vender a caça, está claro!...

— Tens a prova?

— Tenho-a, Sr. conde.

— Apanhaste-o em flagrante?

— Apanhei o veado em poder do comprador...
 — Esta manhã?...
 — Hontem, Sr. conde.
 — Na floresta?
 — Não, senhor; na Casa-Vermelha.
 — E que fizeste de la Ramée?
 — Puz-lhe a mão na gola para trazel-o á sua presença...

— Bem!.. onde está elle?...
 — Deve estar longe, se ainda corre...
 — Então escapou-te?...
 — Escapou-me, Sr. conde, infelizmente....
 — Como foi que isso aconteceu?
 — Eu estava exausto de fadiga, pois tive de sustentar uma luta na Casa-Vermelha... e, além disso, via-me obrigado a arrastar o tratante, que não queria caminhar e que se debatia como um endemoninhado.... Reparou elle no meu cansaço, aproveitou-se dessa circunstancia para fugir, e fê-lo atirando-me um punhado de areia aos olhos...

— Perseguiaste-o?

— Sem duvida, Sr. conde, durante quasi a noite inteira... Fui além de Villiers, nas margens do Loire... Foi-me, porém, impossivel achal-o, e, a menos que se ponha a policia no encalço...

— Para que?... interrompeu o conde. Elle partiu... boa viagem!....

Tal foi a oração funebre de la Ramée...

— O Sr. conde não tem novas ordens a dar-me? perguntou Caillouet.

— Não, nenhuma.

— Nesse caso, retiro-me.

— Vai, sim... A propósito, Caillouet, como passa tua mulher?

Os dentes agudos do couteiro se chocaram em terrível contracção.

Entretanto, ao cabo de um momento, pôde elle responder com voz serena:

— Ella vai bem, Sr. conde, muito obrigado...

— Disseram-me que estava gravida...

Caillouet, sem querel-o talvez, levou a mão ao punho da sua faca de matto.

Esse gesto, porém, não teve consequencias.

— Com efeito, está gravida, Sr. conde... respondeu elle afinal.

— E quando deve ter a criança?...

— Daqui a um ou dous meses... penso eu.

— Tens uma boa e bonita caseira, Caillouet; faze-a feliz, meu amigo...

— Oh! eu faço o que posso... sei perfeitamente que Suzana é um thesouro, e jamáis me esquecerei, Sr. conde, que lhe devo a posse desse thesouro.

— Educarei o teu filho, Caillouet.

— Sou reconhecido á sua bondade, Sr. conde...

— Não tens que agradecer-me; o que faço é natural, pois és um antigo servidor...

A conversação entre o conde e o couteiro terminou neste ponto.

Em seguida Caillouet desceu á cozinha, onde teve de satisfazer a curiosidade devoradora dos criados, narrando de novo, a propósito do picador,

todas as circunstancias que acabava de referir ao Sr. de Vezay.

Cousa nenhuma, hão de convir, era mais verosímil do que aquella fuga de la Ramée, e ninguem teria posto em duvida a veracidade do narrador.

Chegou a noite.

A's onze horas, Caillouet foi postar-se de emboscada em um matagal que ficava á distancia de um tiro de espingarda da porta do parque.

Ficou alli até ás cinco horas da manhã, e teve afinal de retirar-se ao despontar do dia, sem ter visto aparecer ninguem.

E o mesmo foi na noite seguinte....

E na terceira...

E na quarta...

Caillouet, porém, possuia uma vontade de aço em um corpo de ferro.

O máo exito de sua espera naquellas noites não o desanimou.

A si proprio declarou que continuaria a esperar assim todas as noites, durante um anno se necessário fosse.

Não tardou que essa perseverança produzisse os seus effeitos.

Na quinta noite, Caillouet, — por volta da uma hora, — ouviu o ruido leve e regular que produzem os cavallos de raça pisando em terra fôfa.

Voltou-se no seu escondrijo, e viu dous cavaleiros que se aproximavam a trote curto.

Um dos dous caminhava um pouco adiante do outro.

O céo estava claro e luminoso.

Quando o cavalleiro passou por junto do matagal, o couteiro viu-lhe o rosto quasi tão distintamente como á luz do sol.

— O Sr. visconde Armando de Villedieu!.. murmurou elle!... o amigo do marido é o amante da mulher!... Bom! as cousas caminham bem, e eu não teria razão para queixar-me!...

Chegado junto ao muro do parque, o visconde apeou-se e entregou a redéa do seu cavallo ao lacaio, que se afastou logo com os dous animaes.

O Sr. de Villedieu tirou do bolso uma chave.

Abriu a portinha e entrou no parque.

Caillouet ouviu, durante um minuto, o ruido dos passos, que se afastavam calcando a fina areia das alamedas.

— Na outra noite, disse elle, eu estava certo... — agora estou mas certo ainda... — creio que amanhã poderei fallar...

O couteiro quiz conhecer quanto tempo durava a amorosa entrevista.

Conseguintemente deixou-se ficar no seu posto.

Decorreram duas horas.

Findo esse tempo, o criado do Sr. de Villedieu tornou a aparecer com os cavallos.

Passaram-se mais alguns minutos.

E o visconde saiu do parque, pulou na sella e afastou-se a galope.

Caillouet esfregou satisfeito as mãos e recolheu-se ao seu casebre.

As sangrentas feridas daquelle coração dilacerado não o impediam de sentir, naquelle momento, uma alegria feroz.

O couteiro estava, e devia estar, exhausto pelas sucessivas e não interrompidas fadigas de cinco noites passadas em claro.

Metteu-se na cama e tentou dormir.

Foi-lhe, porém, impossivel pregar olhos.

A febre do odio e da vingança lhe queimava o sangue e fazia pulsar-lhe as veias cento e cinco vezes por minuto.

Tardou que elle visse o dia romper.

Tardava-lhe trabalhar na realização do primeiro de seus sonhos.

Algumas horas mais, e elle ia, com uma só palavra, fazer com a felicidade do Sr. de Vezay o mesmo que o Sr. de Vezay fizera com a felicidade de Caillouet, o couteiro!

Afinal surgiu o sol, erguendo-se radiante por cima das virentes grimpas das arvores.

Caillouet pulou da cama.

Era na manhã de 17 de setembro de 1820.

XXI

DOIS BERÇOS E UMA FITA PRETA

— Sr. conde, disse o couteiro logo que se achou em presença de seu amo, — está se dando um facto que não é natural.

— Onde? perguntou o Sr. de Vezay.

— Aqui mesmo.

— No castello?

— Sim, senhor, no castello.

— Mais um ladrão de caça entre os meus famulos, não é verdade?

— Peior do que isso, Sr. conde.

— Vamos, Caillouet, explica-te...

— Sr. conde, alguém se introduz de noite no parque...

— Por escalada?

— Não, Sr. conde, — pela portinha que fica ao lado do pavilhão de caça...

— Supunha que essa porta estava fechada...

— Sem duvida que está; mas esse alguém de quem fallo tem uma chave della.

— E' um ladrão?

— Não, Sr. conde.

— Como o sabes tu?

— Um ladrão não viria a cavallo e acompanhado por um lacaio...

O Sr. de Vezay empallideceu.

A fronte se lhe enrugou e suas palpebras se abaixaram sobre os olhos inquietos.

— Mas, se não é um ladrão... murmurou elle, o que é então?

Caillouet não respondeu.

— O que é elle? repetiu o conde.

— Não sei, disse o couteiro, e não me atreveria a fazer suposição alguma.

O conde se deixára cahir em uma cadeira.

E escondia nas mãos o semblante pallido.

— Bem! disse consigo Caillouet, sorrindo-se.

Fiz boa pontaria!... o tiro acertou!...

Passaram-se assim alguns minutos.

Depois, o Sr. de Vezay pareceu repellir o acabrumamento que se lhe apoderára do animo.

Levantou a cabeça e disse ao couteiro:

— Conta-me tudo quanto sabes... tudo quanto viste... entra nas maiores particularidades.

Caillouet obedeceu.

Conhecemos já a narração que elle fez ao conde.

Unicamente, teve o cuidado de omittir uma circumstancia importante, — a mais importante de todas.

Affirmou que lhe fôra impossivel ver o semblante do visitante nocturno.

Quando o couteiro concluiu, o Sr. de Vezay refletiu durante muito tempo.

— Tínhas razão, disse elle depois; — tinhas razão, Caillouet; tudo isso é estranho... é grave... — cumpre exclarecer esse mysterio, cumpre procurar, cumpre saber...

Caillouet respondeu apenas com um signal afirmativo.

O Sr. Vezay continuou:

— Esta noite, velaremos, e não sómente esta noite como as outras... até que esse homem volte... Esperarás junto do pavilhão de caça, mas da parte de dentro... Logo que houver alguma cousa, virás prevenir-me... encontrar-me-has de pé e preparado...

— Sim, Sr. conde.

— Sobretudo, nem uma palavra a quem quer que seja a este respeito!...

— Oh! eu sei guardar um segredo, e o Sr. conde pôde estar descansado!...

Caillouet não se havia enganado, dizendo que fizera boa pontaria e que o tiro acertaria.

Com efeito, aquella primeira e terrivel suspeita lançada na alma do conde, aquella primeira ferida aberta no seu coração eram tão ardentes e dolorosas como o podia desejar a mais odienta vingança.

Tres noites se passaram,—noites de anciedade, de angustias, de martyrios,—sem o menor resultado para o Sr. de Vezay.

Afinal chegou a quarta noite.

Era a de 20 de setembro.

Batiam duas horas da manhã; — a tempestade se desencadeava no céo escuro, listrado pelos relampagos fulgorantes.

Caillouet veio buscar o conde.

A historia dessa noite sinistra já foi por nós contada.

Os leitores não tiveram ainda tempo de esquecer-lhe as terríveis particularidades.

(Continua no proximo numero.)